

TU

**TU É GATA
CAROL
ARCHANJO**

TODA A BELEZA DESSE
ANJO QUE CAIU DO CÉU

**TU ENTREVISTOU
A FAMÍLIA
MALVADÃO**

UM PAPO COM PAI E FILHO
SOBRE CARVEBOARD
E MUITO MAIS

**TU PELO MUNDO
ACAMPANDO
NA AUSTRÁLIA**

UMA AVENTURA DO OUTRO LADO
DO MUNDO COM DIREITO A MARES
AZUIS E ALGUNS PERRENGUES



Obrigado! A primeira edição da TU foi um sucesso que nem em nossos sonhos mais otimistas poderíamos imaginar. Foram vários comentários positivos e críticas construtivas que nos deixaram extremamente agradecidos. E o único jeito de devolvermos este carinho é nos esforçando ainda mais para fazer desta segunda edição um sucesso ainda maior.

E já focados nisso, trazemos uma revista bem mais recheada, madura e colaborativa. Muito mais colaborativa, Afinal, TU é você. E a revista só terá a sua cara se você participar ativamente dela. Por isso, nós abrimos as páginas da revista para a participação de gente que tem o que falar. Seja para dividir as experiências que viveu em uma viagem do outro lado do mundo, compartilhar seu conhecimento cervejeiro, como nossas novas colaboradoras, Thays Cardozo e Regina Santucci, ou simplesmente postando uma foto com a hashtag #eusoutu, você escreveu esta edição com a gente.

Agora é só conferir o resultado desse trabalho em equipe. TU

TU É VOCÊ



**FERNANDO
DE SANTIS**



**THIAGO
SOUTO**

ELES FAZEM A TU

textos
\eliane santos
\fernando de santis
\rafael dardaque
\regina santucci
\thays cardozo
\thiago souto

fotos
\eliane santos
\fernando de santis
\lidio panozzo
\thiago souto
assistentes de fotografia
\danielle keiko

cabelo e maquiagem
\isabelli moraes
diagramação
\thiago souto
revisão
\mariana tassi



#04
TU PELO MUNDO

#12
TU ENTREVISTOU



#22
TU É GATA

#36
TU TEM O QUE FALAR



#42
TU BEBEU

Nem o azul do
céu consegue se
comparar ao azul
turquesa do mar
de Whiteheaven
Beach.



RÉVEILLON DOWN UNDER

Passar o Réveillon em uma ilha paradisíaca, de areias brancas e mar turquesa, lá do outro lado do mundo. Longe de fogos de artifício e da bagunça da virada do ano daqui. Só na companhia de animais selvagens. Já pensou? Pois Eliane e seu marido Lídio, um casal santista que mora há um tempo na Austrália, fizeram essa viagem. E é justamente ela quem vai contar para a TU todos os detalhes (e perrengues) dessa aventura na terra dos cangurus.



WHITSUNDAY ISLAND

Era final de 2015 e, já que estávamos longe da família, decidimos fazer uma viagem mais tranquila, distante do agito da cidade. Mas a grana estava curta, então a melhor opção era acampar em algum lugar remoto. E foi assim que decidimos conhecer Whitsunday Islands (porque amamos praia).

Whitsunday Islands é um complexo de ilhas no nordeste da Austrália, onde é possível encontrar opções de acomodações e atividades desde das mais baratas até algumas bem luxuosas, como alguns passeios com hidroavião. Dentro desse complexo, temos a praia de Whiteheaven Beach, considerada uma das praias mais bonitas do mundo.

Encaramos uma viagem de carro de 1.100km, sentido Norte de Brisbane até Airlie Beach, que é a pequena cidade de onde sai o barco rumo as ilhas de Whitsunday. Nosso plano era: passar a noite em Airlie Beach, logo cedo pegar o barco para Whiteheaven Beach (na ilha Whitsunday), passar duas noites e, depois disso, seguir de barco para Maureens Cove Beach (na ilha Hook), passar mais duas noites e voltar para Airlie Beach para, então, retornarmos para casa. Mas não foi bem assim que aconteceu.

Nossa viagem de carro até Airlie Beach durou 13 horas, numa estrada bem vazia e com poucos carros, nem parecendo que era final de ano. A paisagem era de muito pasto, muitas fazendas, inclusive cruzamos com uma vaca no meio da estrada. Também encontramos alguns cangurus mortos na beira da estrada. Isso é muito comum nas rodovias da Austrália, por isso evitamos viajar no final do dia, que é quando eles costumam aparecer e cruzar a estrada.

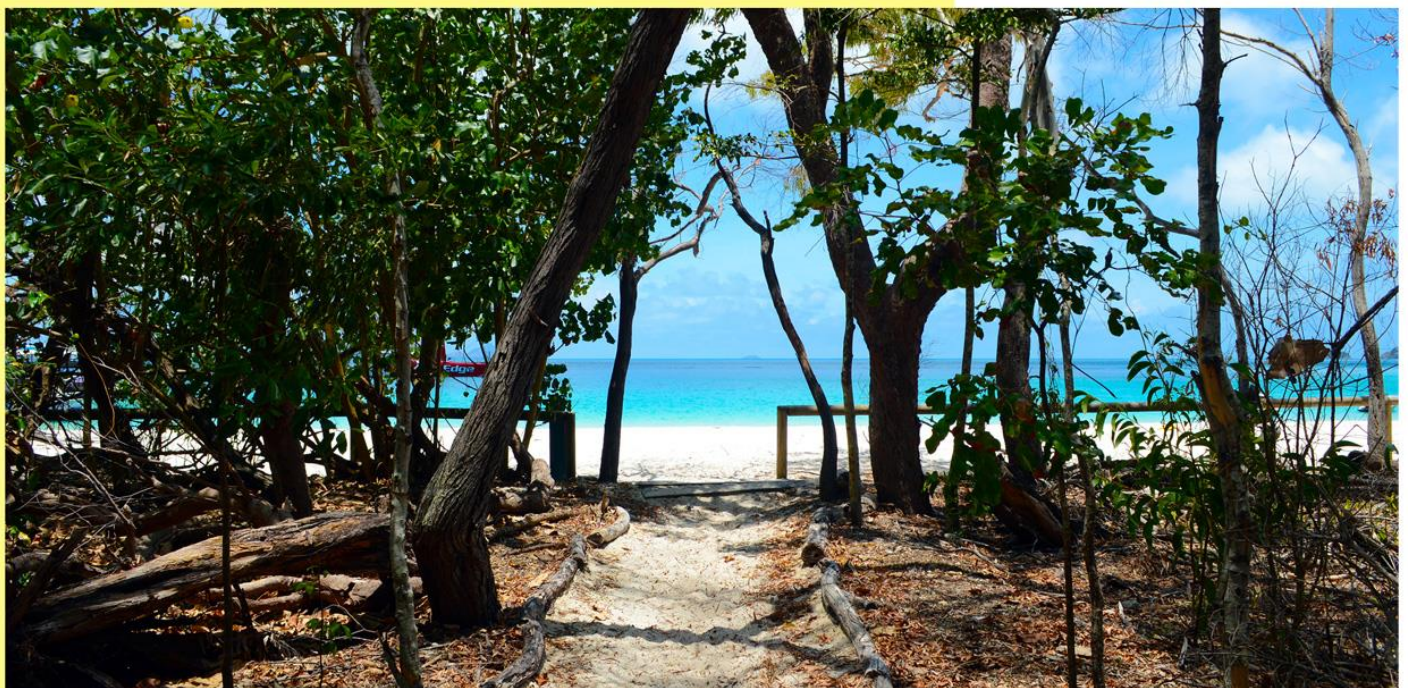
As Ilhas de Whitsunday formam um cenário mágico e são um porto seguro para muitos barcos à vela e visitantes da Grande Barreira de Corais.

AIRLIE BEACH

Depois de uma viagem longa, mas tranquila, chegamos em Airlie Beach. Armamos nossa barraca em um camping muito bom, com uma estrutura bem bacana, onde tivemos bastante conforto para tomar um bom banho e ter uma noite bem confortável. Na manhã seguinte, bem cedo, arrumamos tudo e fomos pegar o barco que nos levaria para Whiteheaven Beach. Estávamos muito ansiosos e queríamos logo embarcar com todas as nossas tralhas, que não eram poucas, já que nesta ilha não teríamos nenhuma infraestrutura, apenas um banheiro ecológico (sem chuveiro, claro). Então, tínhamos que levar, água, comida e tudo mais. Estávamos bem preparados, porque já tínhamos lido bastante sobre as ilhas. Mas assim que a senhora responsável pela reserva do barco viu nossas coisas, nos alertou que nossas comidas deveriam estar melhor embaladas, então ela nos emprestou algumas caixas plásticas com travas, onde pudemos colocar a maior parte da nossa comida. E foi assim que seguimos por uma hora e vinte minutos de barco até Whiteheaven Beach. Todo o trajeto foi calmo e bem bonito, e quando chegamos ao destino, foi realmente de cair o queixo. A areia muito branquinha e o mar azul turquesa. Não dá para negar que é uma cena paradisíaca mesmo.

QUANDO CHEGAMOS AO DESTINO, FOI REALMENTE DE CAIR O QUEIXO

Acima, o mar turquesa e as famosas areias brancas que dão nome à praia australiana. Abaixo, a linda vista que Eliane e Lidio tinham ao sair da sua barraca.



WHITEHEAVEN BEACH

Chegamos, descemos e escolhemos um lugar protegido para montar a barraca. Além da nossa barraca, só haviam mais três e o barco só retornaria em duas noites. Na verdade, na praia haviam alguns outros turistas, que faziam passeio para passar umas horas na ilha, mas acampar mesmo, eram poucos.

Com tudo arrumado, fomos curtir aquele paraíso. Depois de alguns mergulhos, sentamos na areia só para ficar admirando o espetáculo daquele mar. E foi nessa hora que uma moça muito simpática me perguntou se éramos os donos daquela barraca (apontando para a nossa). Eu respondi que sim, e ela disse que haviam alguns animais mexendo nas nossas coisas. E foi aí que entendemos o porquê da necessidade das caixas plásticas com travas. Os alimentos que não couberam nas caixas, estavam todos furados pelos corvos e, algumas outras coisas, sendo levadas por um lagarto de um tamanho bem generoso. Espantamos eles e, com sorte, sobrou alguma coisa. Mas, graças à senhora que nos emprestou as caixas, a maioria mesmo estava protegida.

Na foto menor, o primo do canguru, o simpático wallaby. Abaixo, a barraca dos nosso casal viajante, antes de sofrer um ataque surpresa dos bichos da ilha.



ELA DISSE QUE HAVIAM ANIMAIS MEXENDO NA NOSSA BARRACA



Não tem absolutamente nada para se fazer na ilha, apenas curtir a natureza exuberante, o som de pássaros lindíssimos, além de lagartos, peixes e wallabies (uma espécie muito semelhante ao canguru, apenas de um tamanho menor). Estar sem internet é algo muito libertador, você percebe que o tempo passa a ser seu amigo. Essa experiência de muita observação da natureza, nos fez lembrar que realmente fazemos parte disso. Somos da natureza. Coisa que durante nosso dia a dia fica tão difícil de nos identificar. Vale muito a experiência.

E chegou nossa primeira noite na ilha. A única luz era a de nossas lanternas e o céu impressionava com tantas estrelas. Fomos dormir cedo, porque o sol iria expulsar a gente mais cedo ainda da barraca. Dentro dela, ouvíamos diferentes barulhos dos animais noturnos, mas o que assustava mesmo era o som dos morcegos raposas que passavam bem perto.

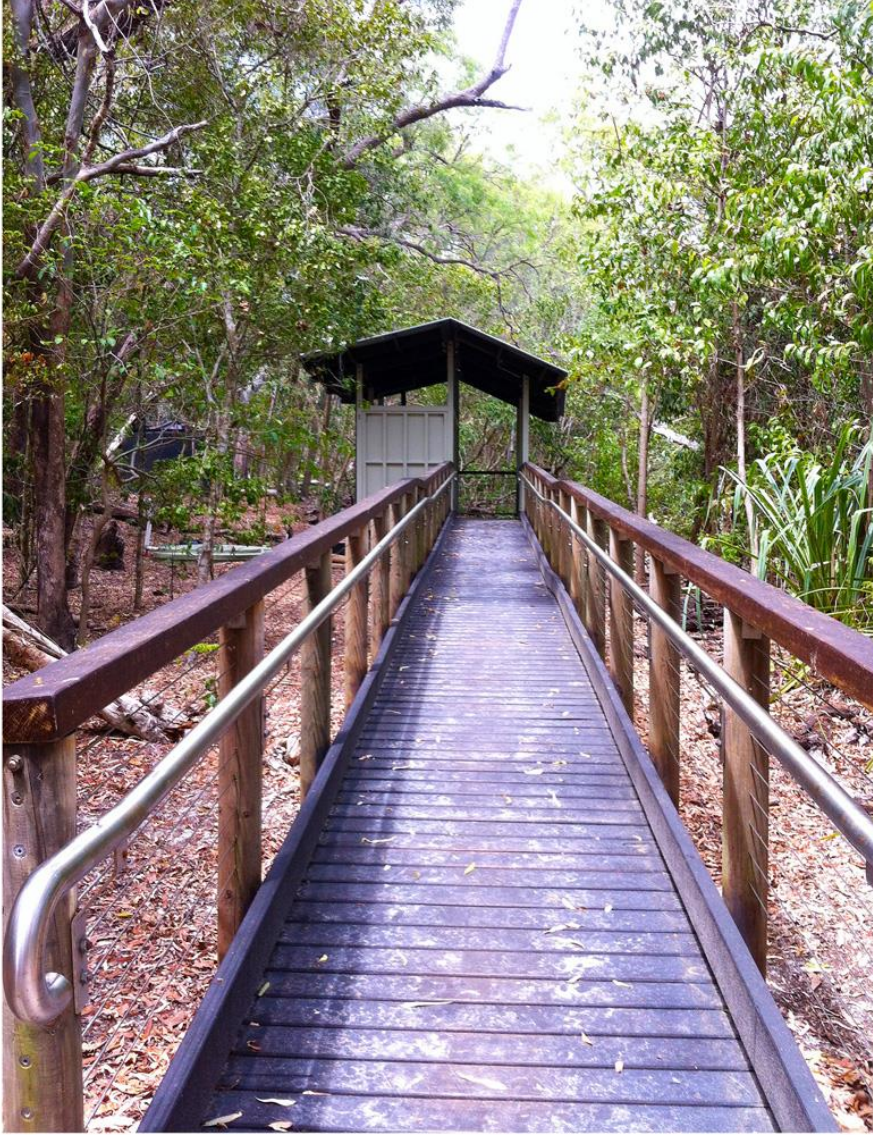
Nosso segundo dia na ilha começou nublado, e foi uma ótima oportunidade para caminhar até a outra ponta da praia, onde se encontra o mirante

Hill Inlet, que durante a maré baixa é de fácil acesso. Caminhamos uns 7km e não conseguimos chegar ao mirante porque a maré já tinha subido, mas pudemos curtir uma “lagoa” de águas translúcidas que se formava em um braço de mar que entrava nas areias da praia. Foi excelente poder descansar naquela água calminha depois de uma longa caminhada. E o dia todo seguiu assim, nublado, com tudo indicando que o tempo estava mudando.

E realmente mudou, a noite toda foi de muita chuva. Como estávamos bem protegidos pelas árvores, não entrou água na barraca e acordamos secos. Nosso plano era seguir para uma segunda ilha, Hook Island. Mas assim que chegou o barco para nos levar para a outra ilha, o capitão nos avisou que os ventos estavam muito fortes e que seria impossível nos levar para lá.



Nem o tempo dando uma nublada conseguia fazer o lugar ficar feio. Tudo parece um cenário de filme de naufrago.



Embarcamos. O mar estava muito revoltado e o retorno a Airlie Beach foi realmente bem “radical”. Alguns gritos no começo da viagem, depois um silêncio que indicava um tanto de preocupação em cada um dos embarcados. Alguns passaram mal, mas no geral chegamos todos bem.

Mas os ventos continuavam fortes e a chuva ainda não tinha dado nenhuma trégua. E já que os planos tinham ido por água abaixo, literalmente, optamos por ficar em algum hotel por uma noite. Estávamos com medo de não achar nenhum lugar para ficar porque já era dia 30 de dezembro. Mas como era uma cidade pequena, foi bem tranquilo achar um hotel simples, com preço justo e confortável. Ah! Como foi bom um banho quente (lembrando que na ilha não tinha chuveiro, nem sequer com água gelada). Naquele dia chuvoso, de muito vento, um banho quente e uma cama confortável era tudo que a gente desejava. E como são boas essas pequenas coisas da vida.

Acima, se tem uma coisa que nossos amigos não vão sentir saudades é de ir no banheiro em Whitesand Beach. Imagina de noite, que tenso!



Para nossa surpresa, enquanto estávamos fazendo a reserva, o senhor da recepção nos avisou que havia um outro casal de brasileiros no hotel. Ok! Não ficamos tão surpresos assim, porque na Austrália tem muitos brazucas, mas estávamos numa cidade bem pequena, então já era uma novidade brasileiros no mesmo pequeno hotel. Mas a surpresa maior veio depois. Por acaso, encontramos este casal e descobrimos que eles também eram de Santos! Nossa! A partir daí foi tudo muito divertido, passamos uma boa parte da noite papeando, bebendo e comendo pizza na varanda do hotel.

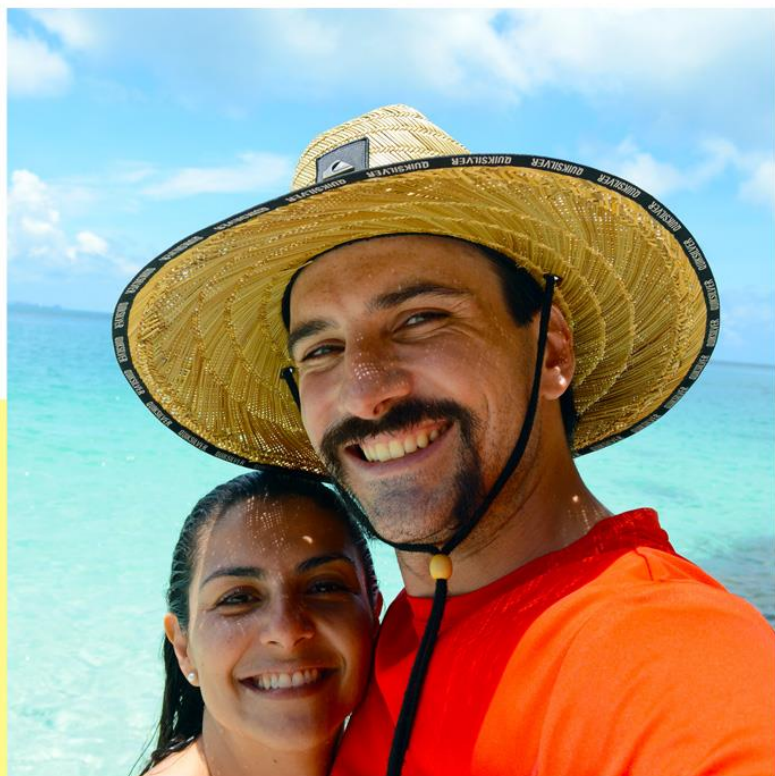
Acima, já em Agnes Water, os pequeninos wallabies deram lugar a cangurus mais parrudos.

AGNES WATER & TOWN OF 1770

De manhã, nossas coisas já estavam secas, nos despedimos dos nossos novos amigos e fomos para a cidade Agnes Water, aonde iríamos passar nosso Réveillon. Era também uma cidade pequena, bem familiar e com uma praia linda. O camping, já bem mais estruturado, tinha um bom banheiro, área de churrasco e até uma minicozinha. No final do dia, dividíamos nosso espaço com lindos cangurus (e bem grandinhos, por sinal). E mais uma vez, nos divertimos com esse contato próximo da natureza selvagem, de bichos livres.

No dia 31, a chuva cedeu lugar ao sol para encerrar o ano com um belo dia ensolarado em Agnes Water. E na foto mais abaixo, nossos amigos que diviram sua viagem com a TU.

E PELA PRIMEIRA VEZ NA MINHA VIDA, PASSEI UMA VIRADA DO ANO DE SILÊNCIO.



Depois de tudo organizado no camping, curtimos uma praia. Fomos atrás de alguma bebida porque, afinal, já se iniciava a noite de Réveillon. E pela primeira vez na minha vida, passei uma virada do ano de silêncio. Os fogos deram lugar para estrelas. Isso mesmo, não teve nenhum fogo de artifício e o céu estava limpo, cheio de estrelas. No camping todos dormiam. Foi até engraçado. Apenas uma barraca, onde havia um povo animado, que de longe nos deu um "Happy New Year!". Nos abraçamos, brindamos, desejamos tudo de melhor para o Ano Novo e agradecemos tudo em nossas vidas, inclusive a experiência incrível de estar vivendo essa viagem, do contato total com a natureza. Porque apesar dos nossos planos, quem manda mesmo é a natureza e a gente só obedece. **TU**

texto e fotos
\ eliane santos
\ lidio panno



Malvadão dá uma colher de chá para o seu filho, na hora de subir a ladeira, mas na hora de descer, Malvadinho já anda como gente grande.

TAL PAI TAL FILHO

**MUITO MAIS QUE DIVIDIR
O MESMO SANGUE,
MALVADÃO E SEU FILHO,
MALVADINHO, DIVIDEM
UM AMOR EM COMUM:
O ESPORTE**

O sábado acordou um dia lindo. O sol apareceu e o céu se abriu todo azul. Aquele dia perfeito para pegar a prancha e rasgar as ondas do mar. Bom, seria assim mesmo se o mar não estivesse flat como uma lagoa. Mas para uma dupla de pai e filho daqui, não tem problema algum. Mesmo nos dias em que o mar não está para surf, para eles não faltam rasgadas e manobras radicais. A diferença é que o surf sai do mar e continua no asfalto. A prancha com quilhas e parafina cede espaço para uma com trucks, lixa e pneus, o carveboard. E é assim que Jorge “Malvadão” e Lucas “Malvadinho”, pai e filho, aproveitam a vida de forma radical. Seja no mar ou nas ladeiras da Ilha Porchat (e do Brasil inteiro), eles botam pra baixo e estreitam ainda mais os laços familiares.

TU – A pergunta básica, que acho que todo mundo faz, é por que o apelido de Malvadão?

Jorge Malvadão – Malvadão é do bem, né? (risos). Surgiu no surf, na verdade. A gente tem uma galera na praia, que são os Long Sauros. Tem até o Wilson Piolho, que era até locutor da 98 (Rádio Mix). Então, tem um brother que ele vem pra praia, o Paulão. Ele só pega a onda se a onda vem pra ele, se não tiver ninguém, se a onda for pra direita, se o vento estiver assim...daí, uma onda veio desse jeito que ele queria. Todo mundo já tinha pego

onda e ficamos sozinho no outside, eu e ele, aí veio essa na série, aí eu não aguentei e rabiei o Paulão. Aí os caras começaram: “Mó malvadão! Pô, rabiou o Paulão! Esperou a onda o dia inteiro e quando pegou, rabiou o cara!”. Aí, surgiu o Malvadão. Isso foi no sábado e aí no domingo já tinha um campeonato aqui na Ilha. Eu já tava inscrito como Jorge Alemão e os caras, sem eu saber, trocaram pra Jorge Malvadão. E quando eu fui descer, o cara narrou: “Pista liberada. Jorge Malvadão...” “Aí pegou! Mó galera nem sabe o nome do Lucas. É Malvadinho (risos).

“MÓ GALERA NEM SABE O NOME DO LUCAS. É MALVADINHO”



O pai olha orgulhoso o filho mandar as rasgadas com seu carveboard nas ladeiras da Ilha Porchat.

TU – Já virou oficial (risos). E há quanto tempo você anda de skate, de carve?

JM – Esse ano, 2016, fazem 10 anos que eu pratico carveboard. Começou numa brincadeira, dos dias flat que não tem onda, a galera da praia subia de skate longboard pra fazer um rolê aqui na Ilha. E como eu sempre andei de skate, desde molequinho até antes do surf, e tinha uma facilidade de andar no downhill, comecei a andar. Daí conheci o carveboard na sequência, aí já era.

TU – E o Malvadinho anda desde quando?

Lucas Malvadinho – Desde de 2 anos.

TU – Desde de 2 anos de idade?! Um cotoquinho!

JM - O Lucas sempre vinha pra Ilha com a gente. A molecada toda. Almoçava



Uma palmeirinha na calçada é o tubo perfeito, reunindo o que há de mais legal dos dois esportes que eles mais amam: surf e carveboard.



encima do carveboard. Ficava em casa psico nos vídeos. E não teve outro resultado, a não botar pra baixo.

TU – E a gente vê a molecada andando bastante de long aqui na Baixada, por causa das ciclovias e por ser muito plano. Qual a diferença principal do carveboard para as outras modalidades?

JM – O carve você consegue simular um negócio mais próximo do surf fora d'água. Por causa das linhas, ele tem eixos com mola que viram até 45°, então ele consegue fazer uma curva mais cavada, mais fechadinha que um skate longboard normal. E sem contar os pneus, que você pode subir calçada, com vários obstáculos.



Pai e filho botam pra baixo e mostram porque são figuras constantes nos pódios dos campeonatos de carveboard.

**“SE EU VIVESSE
SÓ DE CARVEBOARD,
O MALVADINHO
ESTARIA NO SEMÁFORO
JOGANDO LARANJA”**



TU – Pra rua do Brasil, é a melhor coisa que tem.

JM – É só buraco (risos). Aí a gente vai usando as garagens, como se fossem a parte crítica da onda, pra manobrar.

TU – E campeonatos? Antigamente tinha o campeonato aqui da Ilha, né?

JM – Isso. Tinha o Radicais da Ilha, que era o André Cavaleiro que fazia. Tinha uma repercussão legal. Veio até o “Mais Você” fazer matéria com a galera aqui na Ilha. E depois, o próprio organizador foi tomando outros rumos. Daí teve o Leonardo (Branco) que fez uns campeonatos aqui na Ilha, mas também por dificuldades de apoio e patrocínio. A galera tem que viver e buscar um sustento. Daí as vezes não dá para se dedicar, porque o negócio precisa de um envolvimento. Você tem que estar envolvido com prefeitura, patrocinadores, etc.

TU – E não dá pra viver só do skate, né?

JM – Ah, não. Não dá, cara. Se eu vivesse só do carveboard, o Malvadinho estaria no semáforo jogando laranja (risos). Nada contra a molecada que se vira, mas digo o seguinte, é osso. Então, o que eu consigo de patrocínio no carveboard é pra tirar o próprio lazer do carveboard. Ir para campeonato...



LM – Não dá para ficar sem surf...

TU – Mas e o surf? Você prefere mais surf ou o carveboard, Malvadinho?

LM – Surf!

JM – Depende. Nos dias flat... (risos). Um completa o outro. Vários dias eu surfo de manhã e à tarde faço um drop.

TU – Legal. Dá pra fazer os dois no mesmo dia. Mas voltando pro lance de campeonato, tem rolado muito fora daqui, já que o daqui da Ilha não tem mais?

JM – Tem. A cena do esporte hoje no Brasil tá no interior. Em Itu, Sorocaba...

“O CARVEBOARD FOI CRIADO NA CALIFÓRNIA, MAS A RADICALIDADE VEIO DO BRASIL”

TU – Por causa das ladeiras?

JM – Por causa das ladeiras e por que lá tem o Alessandro Mancha, que é um cara que pegou esse embalo de organizar os eventos. Lá tem muitas rampas que foram feitas para os eventos. Então a gente chama até do Carve Park de Itu. E a prefeitura de lá dá sempre um apoio, com a secretaria de transporte, para fechar as ladeiras pra gente. Então a cena tá no interior. O carveboard foi criado na Califórnia, mas certeza que a radicalidade dele veio do Brasil. Porque lá a galera fez mais um simulador de surf pra treinar.

TU – E a galera aqui acelerou para o lado radical?

JM – Acelerou. Tanto que nós fomos encontrar o Brad Gerlach, o criador do carveboard, em Maresias. E ele ficou de bobeira, gostou pra caramba de como estava a cena do carve no Brasil, com evento e campeonato. Daí convidamos ele pra dropar a Serra de Maresias e ele



amarelou. Não foi (risos).

TU – Mas lá é tenso.

JM – Pô, Maresias é um sonho. Parar uma faixa daquelas lá e fazer a parada toda.

TU – E o pico mais legal que você já dropou?

JM – Tem vários. Lembra um aí, filho?

LM – Caieiras.

JM – Caieiras é chamado de Jaws, que

nem aquela onda que tem lá em Maui. Lá, descalço de pé, já dá vertigem. E o Malvadinho, em 2015, teve o campeonato lá, ele correu na categoria Iniciante. Pô, muito marmanjo barbado nem skate levou porque sabe que o negócio lá é tenso e ele botou pra baixo. Dropou a ladeira toda. Completou a ladeira até primeiro que eu. Olha aí, ganhou até uma cicatriz (Malvadinho levanta a camisa e mostra um ralado na lateral da barriga).

TU – Mas o bom da molecada é que eles não tem medo, né?

JM – Não tem. E bate e se levanta. Agora, a gente se bate e são cinco dias de dor. Joelho já começa gritar.

TU – E já tomou um capote sinistro? Desses de ficar de molho?

JM – Já! Tem até um tombo meu no Youtube que eu caí aqui, que fui de boca no chão. Mas de ficar de molho mesmo, graças a Deus, não. Nunca fraturei nada, nunca tive nenhuma queda assim mais perigosa. O Leonardo (Branco) já ficou em coma, de bater a cabeça. Mas aí é aquele esquema do equipamento de segurança.

TU – E o anjo da guarda forte.

JM – É. O anjo da guarda forte. Eu tô com uma legião lá... (risos)



TU – Agora falando do futuro do carveboard no Brasil. O que você acha que pode virar desse esporte?

“MUITO MARMANJO BARBADO NEM SKATE LEVOU PORQUE SABE QUE CAIEIRAS É TENSO E O MALVADINHO BOTOU PRA BAIXO”

JM – Cara, nós já ouvimos de várias bocas que tinha um projeto da Red Bull de fazer um campeonato de carve e, pô, se eles botarem a mão, certeza que negócio vira. É um esporte que tem tudo pra crescer. É um esporte novo, que foi criado acho que em 97 e veio pro Brasil entre 2003 e 2004. Então, que ele é fabricado no Brasil, tem aí 13 anos. O fabricante, que trouxe o carve pro Brasil, que é a Drop Boards, sempre incentiva a galera, sempre manteve uma equipe forte, dos melhores do Brasil. Fornecendo material e suporte. Mas falta muito incentivo ainda. Agora com essa crise

que veio...ano passado teve circuito, esse ano ainda não saiu o calendário. Mas os organizadores estão correndo para que saia logo a primeira etapa, pois está todo mundo segurando a verba esse ano.

TU – Vai sair sim, com certeza. E quem sabe na época que o Malvadinho já estiver crescendo, o esporte já esteja grande.

JM – Sim, um esporte mais profissionalizado.

TU – E você falou da Drop Boards, né? Tem sempre umas paradas novas. Já vi uma vez você andando com um skate grandão...

JM – Ah, ainda tem. É o hangboard. A Drop Boards sempre vai trazendo essas novidades da gringa e vai trazendo pro Brasil.

TU – Tem aquela lona que vocês fazem uma onda também. Como é o nome?

JM – Esse é o tarp surf. A gente tem uma equipe que é a Tarp Surf Brasil. O tarp surf nada mais é que um tubo de lona. Você tem uma lona. Vem com o skate em movimento, puxa uma das pontas da lona e ela forma aquele *barrelzão*. Você tem aquela sensação de ver o negócio girando...

LM – É uma das manobras que eu mais gosto.

JM – E isso começou como uma brincadeira que deu certo. A gente faz pelo Sesc no Verão, para os hóspedes, para a galera ter esta sensação. No Oi Rio Pro,

o campeonato da WCT no ano passado, a gente foi para fazer a divulgação do evento com o tarp surf. E fizemos de uma maneira que participaram até gestante e pessoas da terceira idade. O que a gente fazia? Punha um shape sem roda, travado na lixa e fazia a foto da pessoa. A gente vai com uma van, fotógrafo com uma câmera digital e impressora dentro da van. Então, dá 5 minutos do lado da van, já saía com a foto. Gestante com mó barrigão dentro de um tubão. Foi muito legal.

TU – Legal. E a molecada da sua idade, Malvadinho? Tem andando de skate também?

LM – Só eu (meio tímido).

O surf é uma influência clara nas manobras e na fluidez dos movimentos tanto do Malvado, quanto do pequeno Lucas.



JM – Aqui na ladeira, da idade dele tem pouca gente. Tem a molecadinha que divide a categoria com ele.

LM – Só que já estão saindo.

JM – É. Quando não rola a categoria Grommets, ele não se intimida e a gente faz a inscrição na Iniciantes e vamos que vamos. E tá se dando bem. Fazendo final sempre. Em Itu fez final na Iniciantes. E o rolê na verdade não pode parar. Pra mim, eu não levo o carve como profissão, levo como lazer. E poder praticar com ele então, mais top ainda.

TU – É uma coisa de família.

JM – E agora ele pegando onda também, tá mais grudado ainda. E pra tu, qual a sensação de andar com tem pai, de pegar onda com seu pai?

LM – É legal.

JM – Pra mim é um sonho.



Depois de tanto subir e descer as íngremes ladeiras da Ilha Porchat, a dupla ainda emendou uma praia. E se tivesse onda, acreditaria, rolaria um surf.

TU – Legal demais. E, pra finalizar, o que vocês diriam pra essa galera que quer começar a andar?

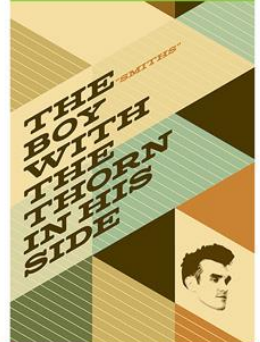
JM – Primeiro passo é equipamento de segurança...

LM – Comprar um carve...

JM – É (risos). Equipamento de segurança. Tanto no skate, quanto no carveboard. Pra não se intimidar, tentar as manobras e poder andar no dia seguinte. Se tu cair, não tem que ficar com vergonha. Não tem essa. **TU**

entrevista e fotos
\ thiago souto

Que tal
lá na sua
casa?



TU É GATA

UM ANJO
QUE CAIU DO
CÉU NA FORMA
DE MULHER.
E QUE MULHER!

CAROL ARCHANJO





TU É GATA





**AR.CHAN.JO
S.M. ANJO
IMPORTANTE OU
UM LÍDER ENTRE
OS ANJOS**

Ela é um arcanjo, Carlyne Archanjo, ou simplesmente Carol. Com apenas 18 anos, está começando sua vida. Vida essa que já é corrida ao seu modo. No período da manhã, faz faculdade de Engenharia Mecânica, indo na contramão dos estereótipos construídos em todos os campus brasileiros, que dizem que esse curso é frequentado apenas por homens. No período da tarde e até



parte da noite, trabalha em uma loja vendendo roupas para academia e, entre um cliente e outro, estuda para passar no primeiro semestre da faculdade – “sem DP, se Deus quiser”.

Posar para fotos não é novidade. Seu perfil de Instagram tem fiéis seguidores que sempre curtem as fotos postadas e não poupam elogios. Ela não parece dar

muita bola, pois raramente responde, mas continua postando fotos arrumada para balada ou pegando um bronzado na praia de Santos. Nascida em Praia Grande, mora em Santos “desde sempre”, com um irmão e uma irmã, além de sua mãe que é fotógrafa, formada na Panamericana de Artes, em São Paulo. Talvez venha daí a intimidade com câmeras e a fotogenia.





No dia do ensaio, o sol estava forte, o céu azul, sem nenhuma nuvem, e mesmo assim a temperatura não passava dos 15°C. Apesar do frio, Carol não se intimidou e entrou no clima do ensaio. Entre um clique e outro, ela se enrolava em um cobertor para se aquecer, mas com o passar do tempo deixou o acessório de lado. “Fui me acostumando com o frio...”.

SONHADORA, UM DOS PLANOS DE CAROL É SE FORMAR E TRABALHAR COM MANUTENÇÃO DE AERONAVES

Em cada curva uma surpresa, uma pequena tattoo escondida aqui e outra ali. Ao todo são quatro tatuagens e, considerando a idade, algumas foram feitas antes dos 18 anos. A primeira, uma pequena âncora atrás da orelha. Uma segunda com os dizeres “Amor que não morre, muda de atmosfera”, fez com a irmã e com a mãe. Batimentos cardíacos formando a palavra “fé” são a terceira arte no corpo.

Depois de se formar em Engenharia Mecânica, um dos planos é trabalhar com aeronaves, manutenção – “essas coisas...”. Outros planos? “São muitos planos!”. Fazer cursos relacionados à Engenharia pelo mundo e então ter estabilidade e começar uma família. Muitos sonhos na cabeça para um moça tão jovem, mas tão certa do que quer. E não resta dúvidas de que ela acredita e alcançará um por um, até todos se realizarem.

Ah! E a quarta tatuagem? “Sonhar Acreditar Realizar”, estampando o braço direito. **TU**

TU É GATA



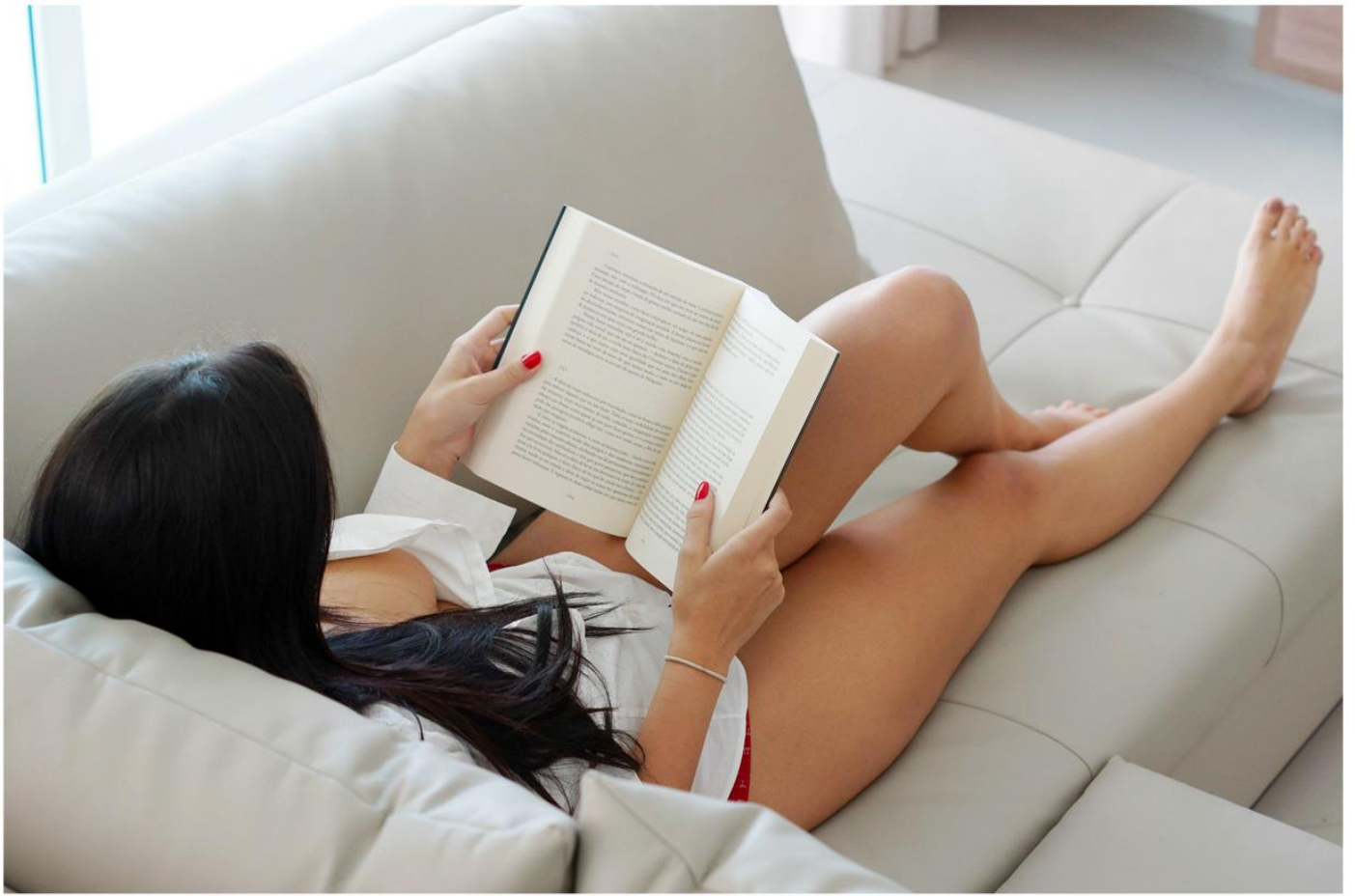


O narrador principal das centenas de fragmentos que compõem este livro é o "semi-heterônimo" Bernardo Soares. Ajudado de guarda-livros e outros não deixam de ser adequados a um diário íntimo: a elucidação de estados psíquicos, a descrição das coisas através dos efeitos que elas exercem sobre a mente, reflexões sobre a paixão, a moral, o conhecimento.

Nesta nova edição, o pesquisador Richard Zenith estabelece novas ordens, acrescenta muitos recentemente descobertos e descarta outros que só depois da elaboração do acervo do autor puderam ser convenientemente comparáveis — a catalogação dita ilicita integra a inúmeros equívocos.

"O que temos aqui não é um livro mas um ato de verdade e negação", escreve Zenith no introdução. Livro fundamental para a compreensão da obra de Pessoa na vertente da criação da linguagem de indivíduos, não apenas nos seus textos mas no seu ato.







**SONHAR
ACREDITAR
REALIZAR
O CÉU É O
LIMITE PARA A
BELA CAROL**



fotos

\fernando de santis

\thiago soto

assistente de fotografia

\danielle keiko

cabelo e maquiagem

\isabelli moraes (make marcante)

@isamoraesq / @makemarcante



TU TEM O QUE FALAR

TODO DIA ERA DIA DE ÍNDIO

“Antes que o homem aqui chegasse, as Terras Brasileiras eram habitadas e amadas por mais de 3 milhões de índios. Proprietários felizes da Terra Brasilis. Pois todo dia era dia de índio. Todo dia era dia de índio. Mas agora eles só tem o dia 19 de abril. Mas agora eles só tem o dia 19 de Abril”. O trecho da música de Baby do Brasil nunca foi tão correto. Afinal, ela pode ser um resumo do que vem acontecendo com os índios da tribo Paranapuã, no Parque Estadual Xixová-Japuí, em São Vicente.



Se para os indígenas o dia 19 de abril carrega o simbolismo de lembrar seu próprio passado de resistência, para nós, brancos, o Dia do Índio é apenas um dia de festa nas escolas da cidade. Porém, o que vem ocorrendo na aldeia guarani Tekoa Paranapuã, localizada no Parque Japuí-Xixová em São Vicente não oferece muitos motivos para se comemorar.

Na semana da data cívica, a aldeia realizou os seus Primeiros Jogos indígenas. O evento foi aberto à comunidade, afim de que a população da Baixada Santista conhecesse o cotidiano na aldeia e um pouco mais sobre a cultura indígena. A Revista TU não poderia ficar de fora e foi lá conferir de perto tudo o que estava rolando. Lá conhecemos o cacique Alcides Mariano Gomes, com pintura tradicional e cocar. Homem simples, de fala calma, que entre uma e outra apresentação de grupos de canto da aldeia, chamava a atenção para o verdadeiro propósito dos Jogos. Alertar a população sobre a atual ameaça que a tribo sofre, de serem expulsos do Parque por conta de uma ordem judicial do governo do Estado de São Paulo.

**A TRIBO ESTÁ
AMEAÇADA DE
PERDER SUA TERRA
POR UMA ORDEM
DO ESTADO DE
SÃO PAULO**



No final do ano passado, eles foram comunicados da decisão judicial que determina sua saída da área, sob a alegação de que a presença deles no Parque estaria causando a degradação do mesmo e de que a área foi invadida por eles.



À esquerda, o cacique Alcides apresenta os grupos musicais e explica um pouco sobre a batalha que eles estão travando. Acima, as mulheres da tribo cantam uma canção tradicional em tupi-guarani. À direita, uma integrante da tribo sopra a fumaça de um cachimbo.

Argumentos estes que podem (e devem) ser questionados. Em primeiro lugar, se alguém degrada o Parque, este alguém somos nós, os ditos homens brancos. Todos os dias, a pequena Praia das Vacas, que faz parte do Parque recebe das marés quilos e mais quilos de lixo vindos de toda a Baixada Santista. Sofás, garrafas plásticas, bonecas, chinelos. Tem de tudo. Este lixo é coletado diariamente pelos indígenas, sem o apoio do poder público. Os jovens indígenas da aldeia são estimulados desde pequenos a recolherem o lixo da praia, ainda que não tenham sido eles os responsáveis pela sujeira. E a prática tem tido resultado. Cada vez mais, há relatos de animais que não eram vistos no Parque há bastante tempo e que, aos poucos, tem retornado ao seu habitat natural (como algumas espécies de tartarugas marinhas e aves migratórias), muito provavelmente por conta da limpeza que tem sido realizada pela tribo.





E depois, como podem chamar de invasão se os índios estavam aqui antes da gente? O relatório do governo do Estado dá por conta da sua chegada na região no ano de 2004 (disponível online neste link <http://goo.gl/EM7ShZ>), mas os povos da família linguística Tupi-Guarani, da qual a tribo faz parte, habitam o litoral brasileiro há séculos, muito antes da chegada do homem branco em 1500 e, por consequência, antes mesmo da área do Japuí ser determinada como Parque Estadual. Ou seja, na verdade aqueles que invadiram a região fomos nós, homens brancos, e não os indígenas.

texto
\rafael dardaque
fotos
\thiago souto

A vista seria linda se do outro lado do mar não morasse quem quer tirar os índios de onde eles vivem. Abaixo, uma das mulheres da tribo amamenta seu bebê enquanto se apresenta com seu grupo cultural.

QUILOS E MAIS QUILOS DE LIXO DE TODA A BAIXADA CHEGAM DIARIAMENTE À PRAIA DAS VACAS E QUEM RECOLHE SÃO OS ÍNDIOS

Em suma, a aldeia Paranapuã tem cumprido um papel importante na preservação do Parque e é direito deles estarem lá instalados. Resta ao poder público cumprir o seu papel e seguir aquilo que dizia uma faixa estendida na entrada da aldeia: “os índios merecem respeito”. [TU](#)





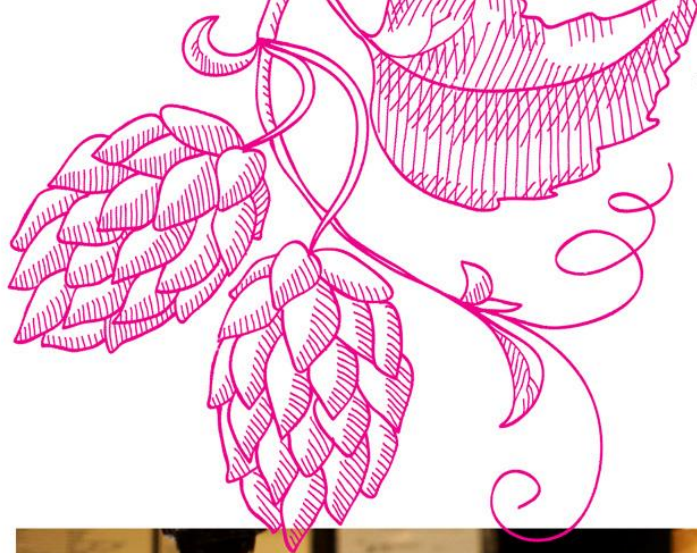
CERVEJA É COISA DE ~~MACHO~~ MULHER

Foi-se o tempo que quando se falava de mulher e cerveja, já vinha em nossa mente direto aquele mulherão de biquíni das tradicionais propagandas de cerveja. Agora é diferente, pois elas assumiram um novo papel. Seja degustando ou até fazendo cerveja, elas estão deixando muito homem no chinelo. Por isso, a partir de agora, quem manda nessa sessão são elas. Conheça Regina Santucci e Thays Cardozo, nossas beer sommeliers que vão divulgar a cultura cervejeira com muita informação, malte e lúpulo, mas sem perder o toque feminino. Levantem seus copos e brindem nossas cervejeiras. Saúde!



REGINA SANTUCCI

Com 26 anos de vida e 3 de cerveja artesanal, está cursando Sommelieria e Educação Cervejeira pelo Instituto da Cerveja e é colaboradora do Mucha Breja Beer Store.



“O que começou como uma simples coleção de rótulos diferentes, tomou um rumo inesperado. Buscando saber sempre mais sobre minha paixão, fiz cursos online pela Sociedade da Cerveja, curso de produção de cerveja pela Confraria Santista da Cerveja, além de participações constantes em eventos, palestras e degustações. Atualmente, dedico meu tempo ao curso de Sommelier de Cervejas pelo Instituto da Cerveja Brasil e sou colaboradora do Mucha Breja Beer Store, em Santos.

Costumo dizer que não tenho uma cerveja preferida, mas sim várias cervejas que marcaram bons momentos. A mais recente delas é a Duchesse de Bourgogne, do estilo belga Flanders Red Ale, que equilibra dulçor com acidez e delicadeza com intensidade, tornando-a uma cerveja inesquecível, assim como a vida deve ser. Saúde!”



THAYS CARDOZO

Enfermeira por profissão e cervejeira por paixão. Cursando Sommelieria e Educação Cervejeira pelo Instituto da Cerveja.

“Quero dividir com vocês a experiência de se apaixonar por esse mundo de cerveja artesanal e, como alguns amigos dizem, é um caminho sem volta.

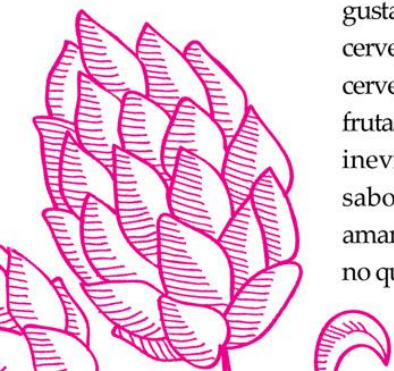
Nunca vou esquecer da cerveja que me fez mergulhar de cabeça nessa explosão de sabores. Desafiada por um amigo, fui ao mercado e comprei a cerveja que ele havia me indicado: uma tal de Punk IPA. A princípio, não dei tanta importância porque só seria mais uma entre tantas. Porém, o desafio era conferir as sensações gustativas que ela conferia, e assim o fiz. Tudo pronto para essa tal cerveja artesanal: copo, cerveja gelada e abridor. Ao colocar a cerveja no copo, pude sentir de imediato um aroma delicioso de frutas cítricas no ar me fazendo salivar. A curiosidade era inevitável e, ao dar o primeiro gole, veio uma explosão de sabores que me surpreendeu de pronto! Frutas cítricas, um amargor refrescante que fazia querer o próximo gole... resultando no que sou hoje, uma apaixonada pela cerveja e sua história.

Quando me perguntam qual minha cerveja favorita eu costumo repetir uma frase que li de Adrian Tierney-Jones "Acredito que a melhor cerveja é aquela que combina perfeitamente com o que quer que você esteja fazendo no instante em que a bebe."

Eu e minha amiga Regina estaremos aqui respondendo algumas dúvidas e dando dicas de boas cervejas e harmonizações, então mandem-nos comentários, que será um prazer fazer essa troca.” **TU**

fotos
 \fernando de santis
 \thiago souto

textos
 \regina santucci
 \thays cardozo



TODA VIAGEM PRECISA DE UMA TRILHA SONORA



Conhecer um novo pico, visitar lugares diferentes ou até mesmo sair por aí sem rumo, só com a estrada à sua frente. Pra quem curte viajar, não há sensação maior de liberdade. E tudo fica muito mais legal com uma trilha sonora que acompanhe o visual que nos cerca e a sensação de estar livre. Então separamos dois lançamentos que vão embalar sua trip, seja mochilando pelo litoral ou dirigindo por uma serra do interior. Também confira nosso clássico para lá de caçara!



OHANA

PEPPER



No mês passado, a banda do Havaí lançou o álbum *Ohana*, que em bom havaiano quer dizer “família”. E talvez seja por causa disso que o álbum tente agradar tanto os fãs mais antigos - fugindo da pegada mais pop do seu último cd e buscando referência nos sons que influenciaram no estilo da banda - quanto a galera mais nova, com um som mais moderno. Tudo bem que os fãs mais *old school* do Peppers podem até reclamar que falta aquela pegada de *Kona Town*, que é sensacional, mas a banda amadureceu e muita coisa mudou de 13 anos pra cá. E, querendo ou não, em algumas músicas do álbum pode notar-se que ainda há um pouco da chama de antigamente.

O cd começa suave com a baladinha reggae *Start You Up*, bem ao estilo Pepper das antigas, e ganha velocidade com *Vacation*, um ska com pegada de Verão, remetendo ao surf music dos anos 60. Inclusive, perto do fim, a bateria ganha um embalo à la Ventures. A surf trip musical continua com *Invite*, que

possui uma letra autoajuda para levantar o astral. Já *Never Ending Summer* começa com uma levada dub e ganha pegada dançante no refrão. *Reckless*, uma das melhores do álbum, é mais um ska empolgante e, em alguns momentos, lembra bastante Men At Work. Depois, o clima volta a ficar mais suave com *Wait*, que tem os vocais arrastados de Kaleo Wassman aliados à letra da música, dando um tom bem sexy. Na sequência, vem a leve e alegre *Big Mistake* e a sensual *Perfect Stranger*. Depois da trinca de baladas, chega *Bones*, feita em parceria com John Feldmann, do Goldfinger. Ela começa numa pegada bem surf music e cai num reggae mais pop no refrão. A 10ª e última *track* do álbum é a baladinha ecoante *Around*, que lembra um pouco Police.

No mais, é um álbum bastante consistente. Não é o melhor cd que a banda já lançou, mas tem alguns bons hits e é bela pedida para colocar no som na hora de cair na estrada rumo ao Litoral Norte atrás de umas ondas.

CLÁSSICO DA TU



TRANSPIRAÇÃO CONTÍNUA PROLONGADA

CHARLIE BROWN JR.

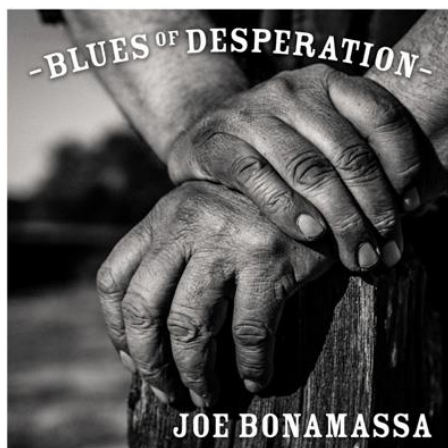
LANÇAMENTO | ANO 1997

Meu, tu não sabe o que aconteceu! Em 1997 surgiu para o cenário nacional o Charlie Brown Jr., vindo diretamente de Santos. Colocaram nas prateleiras das lojas o incrível *Transpiração Contínua e Prolongada* que logo estourava em todas as rádios FM's do Brasil com o hit *O Coro Vai Comê*. Os caras do Charlie Brown invadiram o país.

Misturando muito funk, groove, um pouco de peso e scratches, o quinteto caprichou em composições com linhas de baixo incríveis do Champignon, as guitarras com um pezinho no ska e bem virtuosas de Thiago e Marcão, a bateria marcante de Pelado e as letras e vocais de Chorão. Não demorou muito para que *Tudo Que Ela Gosta de Escutar* e *Proibida Pra Mim* também fossem as mais pedidas nas rádios e na MTV, principalmente pelo fato de terem refrões grudentos e certos. Mas não é só desses três super sucessos que o álbum se sustenta. *Sheik* é um funk dançante até pegar peso no refrão e lembrar um pouco Suicidal Tendencies,

influência assumida da banda, assim como *Gimme O Anel*, que teve seus 15 minutos de fama nas festas da época. *Quinta-feira* outro bom hit, mostrou a versatilidade dos músicos em um reggae delicioso, provando a fórmula do sucesso do CBJr., que sabia como atingir seu público alvo com letras fáceis, falando de assuntos para os jovens, com melodias muito cativantes, além de contar com músicos de muita categoria. Ainda é possível ouvi-los com mais peso (e menos pop) nas faixas *Festa* e *Charlie Brown Jr.*

O disco de estreia do quinteto santista sem dúvida é o ponto alto da discografia deles. Começaram com o pé direito uma caminhada que os levaram do céu ao inferno. Como tudo na vida, tem um começo, meio e fim, esse foi o começo de uma história recheada de sucessos. Fica o legado para os fãs de um bom rock, cd obrigatório na coleção de qualquer um.



BLUES OF DESPERATION

JOE BONAMASSA



Vá para o campo, comece a contemplar as montanhas, pegue um copo de whisky e coloque para tocar *Blues of Desperation*, o mais recente trabalho de Joe Bonamassa. O guitarrista de blues mais celebrado do momento nos presentearia com deliciosas composições que passeiam pelas vertentes do blues e solos com notas escolhidas a dedo. Trem, montanhas, estrada, vales, rios, vida boa... tudo que um bom fã de blues quer escutar, Joe conta nesse álbum.

Se você quer ouvir solos com notas a 300km/h, esse não é o lugar, as notas agora são pinçadas, frases musicais que dão sequência ao que a diz a linha vocal, além dos tradicionais backing vocals femininos, uma pegada a la Eric Clapton, só que com riffs um pouco mais crus e sujos. Duvida? Ouça as faixas *This Train*, *Mountain Climbing* e *Distant Lonesome Train* (com solo com efeito wah-wah incrível!) e repare no peso "de leve" que Joe trouxe às composições. Na

faixa título, o guitarrista arrisca em efeitos diferentes de pedais para criar um clima mais sombrio, até chegar a um riff glorioso, que lembra um pouco o que o Whitesnake fazia com muita propriedade nos anos 80. O domínio das seis cordas passa pelo violão na belíssima *The Valley Runs Low* e vai adiante no rock n' roll puro de *You Left Me Nothin' But The Bill And The Blues*.

Em seu mais recente trabalho, Joe Bonamassa mostra o caminho que o blues moderno pode trilhar. Se você ainda não conhece o trabalho desse exímio guitarrista, *Blues of Desperation* é um ótimo começo. **TU**

OUÇA ESTES
CDS EM NOSSAS
PLAYLISTS NO
SPOTIFY. SIGA
TU_REVISTA



TU COMEU

COMIDA PARA
A GALERA FIT E
PARA OS OGROS
TAMBÉM

SANTA PLANTA

Se você pensa que comida saudável é sinônimo de comida sem graça, você está enganado. O restaurante Santa Planta, localizado no bairro do Boqueirão, em Santos, está aí para provar o contrário. Com uma área de 150m², muitas mesas e bem arejado, o Santa Planta apresenta um ambiente propício para bons momentos e ótimo paladar. O menu oferece uma coleção de sucos naturais e especiais, saladas, ceviches, grelhados e até mesmo deliciosos hambúrgueres.



Às vezes a gente começa a comer com os olhos, este é o caso do colorido e saboroso Bowl Saudável.

Mais uma explosão de cores e sabores no refrescante Ceviche Tradicional.



forma. Muito saboroso e suculento, com um tempero marcante e um contraste interessante no paladar que a batata doce faz com tudo que a acompanha.

Santa Planta nos provou que é possível comer algo saudável e ao mesmo tempo muito gostoso. Nos convenceram. Mas chega uma hora que temos que enfiar o pé na jaca e já sabíamos que faríamos isso mesmo antes de entrarmos no estabelecimento. A hora do hambúrguer e da cerveja. Sucos colocados de lado, o que tínhamos de verde na mesa agora eram geladíssimas garrafas de Heineken e, para acompanhar, um suculento Hambúrguer Gourmet. Escolhemos o “Contra Filé Argentino”, sugestão do nosso garçom. Nele, vão generosos 200g de contra filé argentino, muçarela de búfala, cogumelos, tomate, mostarda Dijon com mel e maionese feitos pela casa. Tudo isso dentro de um pão australiano. Para acompanhar, um pote recheado de bananas chips. Isso mesmo, nada de batatas chips, salgadinhas banana chips, afinal, agora somos saudáveis! **TU**

Pedimos para beber um “Suco Especial” de melancia com gengibre e um “Suco Verde” de abacaxi, couve, hortelã, salsa e água de coco. Ambos muito refrescantes, servidos no pote de conserva e, se você não está acostumado, pode ser de difícil assimilação no princípio, é verdade, mas são muito saborosos. Para comer, começamos com o “Bowl Saudável”, um pote onde você pode escolher uma entre as várias saladas disponíveis no cardápio, molho e uma proteína (frango, filé mignon ou salmão). Fomos de “Salada Santa”, que é um mix de alfaces, rabanete, tomates, manga, maçã verde, castanha do Pará e hortelã e de proteína escolhemos frango. Com uma bela apresentação, você pode se enganar com o tamanho, achando que passará fome, mas o bowl é fundo e os ingredientes são servidos sem miséria. Lá pela metade você compreende que encontrar o fundo do recipiente não é das tarefas mais fáceis. Mas como não estávamos para brincadeira e queríamos conhecer mais das especialidades da casa, pedimos o “Ceviche Tradicional”: peixe branco ao leite de tigre, batata doce, milho e cebola roxa, com molho tare. Que delícia! Não tem como definir de outra



Ninguém é de ferro. Por isso pedimos o não tão saudável Hambúrguer Gourmet, com suas bananas chips.

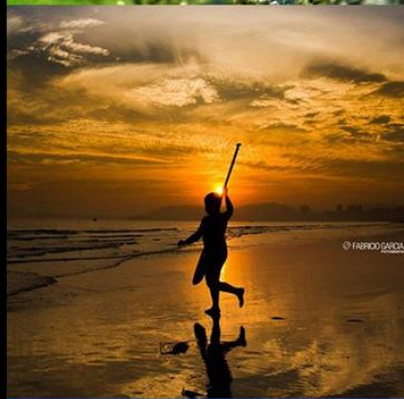
Santa Planta
Rua Oswaldo Cruz, 355
Boqueirão - Santos/SP
Tel. (13) 3221.8498 - santaplanta.eco.br

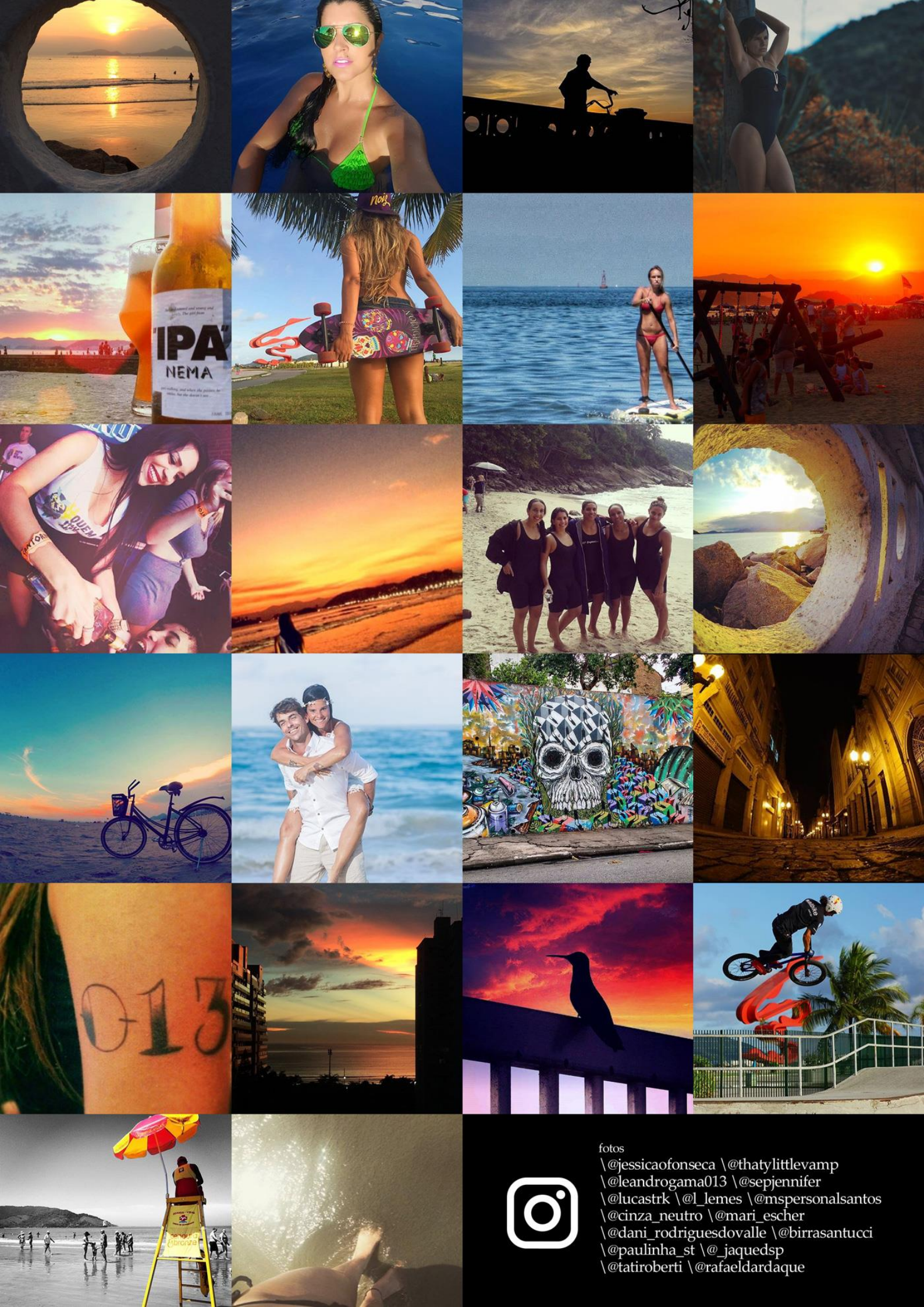
texto
\\fernando de santis
fotos
\\thiago soutu



#EU SOU TU

O que é TU? Pode ser um jeito de ser e de viver a vida. Ou só uma gíria que está na boca de todo santista. Mas a verdade mesmo é que TU é você! Aqui estão alguns clicks da galera que marcou a hashtag #eusoutu em suas fotos no Instagram. Não couberam todas, mas todos que marcaram estão de parabéns. Próxima edição tem mais!





fotos
 \@jessicaofonseca \@thatylittlevamp
 \@leandrogama013 \@sepjennifer
 \@lucastrk \@l_lemes \@mspersonalsantos
 \@cinza_neutro \@mari_escher
 \@dani_rodriguesdovalle \@birrasantucci
 \@paulinha_st \@_jaquedsp
 \@tatiroberti \@rafaeldardaque



TU